



Da febre que percorre o corpo daqueles que amam: aos ecos literários que o amor faz ao sistema nervoso

From the fever that runs through the body of those who love: to the literary echoes that love makes to the nervous system

Rafael Francisco Braz¹

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo: A Literatura contribui para falar da história de amores impossíveis e que, com o passar do tempo, torna-se um mito, como por exemplo Romeu e Julieta, Tristão e Isolda, Abelardo e Heloísa dentre outros que passam a ser vistos como personagens marcantes no imaginário popular, por representarem o mito do amor romântico, presente na sociedade ocidental. Este artigo tem como por objetivo principal estudar a categoria temática do amor presente nas relações corpo e mente a partir do arco temporal do medievo nos casais Romeu e Julieta e Tristão e Isolda. Para tanto, nossa fundamentação teórica baseia-se nas contribuições de Bellemin-Noël (1978), Campbell (1990) Damásio (1996), Faur (2013) e Lebrun (2009) dentre outros. A análise mostra que Romeu e Julieta, Tristão e Isolda dentre outros casais imortais que compunham o mito do amor romântico através do tempo, são descritos por filósofos, poetas, escritores, não são apenas invenções da arte literária, pois a febre que percorre o corpo daqueles que amam não é uma ilusão literária, mas um efeito do amor no sistema nervoso.

Palavras-chave: literatura; mito; amor romântico; corpo e mente.

Résumé: La littérature contribue à parler de l'histoire des amours impossibles et qui, au fil du temps, devient un mythe, comme Roméo et Juliette, Tristan et Yseut, Abelardo et Heloísa entre autres qui sont considérés comme des personnages marquants dans l'imaginaire populaire, car ils représentent le mythe de l'amour romantique, présent dans la société occidentale. L'objectif principal de cet article est d'étudier la catégorie thématique de l'amour présente dans les relations de corps et d'esprit à partir de la période du Moyen Âge dans les couples Roméo et Juliette et Tristan et Isolde. Par conséquent, notre fondement théorique est basé sur les contributions de Bellemin-Noël (1978), Campbell (1990) Damásio (1996), Faur (2013) e Lebrun (2009) entre autres. L'analyse montre que Roméo et Juliette, Tristan et Isolde, parmi d'autres couples immortels qui ont constitué

le mythe de l'amour romantique à travers le temps, sont décrits par des philosophes, des poètes, des écrivains, ne sont pas seulement des inventions de l'art littéraire, car la fièvre qui traverse le corps de ceux qui aiment n'est pas une illusion littéraire, mais un effet de l'amour sur le système nerveux.

Mots clés : littérature ; mythe; amour romantique; corps et esprit.

“Quando a luz dos olhos meus
 E a luz dos olhos teus
 Resolvem se encontrar
 [...]
 Mas se a luz dos olhos teus
 Resiste aos olhos meus
 Me sinto incendiar
 [...]
 Quero a luz dos olhos meus
 Na luz dos olhos teus
 [...]
 Pela luz dos olhos teus
 Eu acho, meu amor
 E só se pode achar
 Que a luz dos olhos meus

(Vinicius de Moraes – *Pela Luz dos olhos teus*)

Introdução

A literatura é uma das formas mais antigas de expressão artística e de expressão sociocultural da humanidade. Ao longo dos séculos, ela vem se consolidando como um dos meios de representação da identidade e da subjetividade humana, pois isto ocorre porque ela funciona como uma espécie de “receptáculo”, onde se encontra armazenado as experiências socioculturais.

É, dessa forma, que a literatura não só serve como fonte de apreciação estética, mas também, como matéria que nos ajuda a compreender a estrutura social, cultural e política de um povo, e ainda, ela possibilita conhecer o ser humano tanto coletivamente como individualmente, ou seja, é pela/na literatura que conhecemos o outro e nos conhecemos e, assim, nos constituímos seres humanos.

Neste sentido, possibilita o encontro com Outro e consigo mesmo que nasce o despertar e o interesse da psicanálise, assim, podemos pensar numa relação de parceria/interdisciplinar entre os dois campos do saber: a literatura fundamenta base teórica

do pensamento psicanalítico e à psicanálise por meio dessa base se propõe desvendar nossas crises existências, traumas, medos, inseguranças e sentimentos. Para tanto, vale ressaltar que a relação entre a literatura e à psicanálise só se torna possível por meio da subjetividade da língua(gem), uma vez que o indivíduo se constrói historicamente e socialmente na linguagem.

Partindo dessa relação, propõe-se nesse trabalho, partindo da leitura e da análise do *Tristão e Isolda: Lenda medieval celta de amor*, versão de Fernandel Abrantes (2011) e de *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare (2002), no qual objeto de estudo recai sobre a categoria temática do amor presente nas obras *corpus* e sua relação com o corpo e mente.

Sobre o mito de Tristão e Isolda, ainda existe muitos mistérios e a sua origem deste mito, o mais provável é que a lenda de Tristão e Isolda provenha da cultura celta, que passou a circular pela Europa por volta do século XII. Remetendo toda sua narrativa à Idade Média.

A Literatura contribui para falar da história de um amor impossível que com o passar do tempo, torna-se um mito, onde Tristão e Isolda passam a serem vistos como personagens marcantes no imaginário popular, por representarem o mito do amor romântico ou amor cortês, presente na sociedade ocidental. Logo, neste trabalho foi refratada a visibilidade maior da questão do amor apaixonante e suas consequências na relação corpo e mente.

Desse modo, é importante discutirmos sobre o amor ao longo da história da sociedade ocidental, pois este sentimento age no imaginário popular de forma coletiva em pleno século XXI. Os mitos de Romeu e Julieta, Tristão e Isolda, Abelardo e Heloísa, Paris e Helena, Orfeu e Eurídice perduram o imaginário popular, sempre de forma imperativa, já que eles surgem como marcas representativas das narrativas de outros romances, assim, trazem como enredo a histórias de amores impossíveis estabelecendo conflitos existenciais e quase sempre as histórias de amor.

Neste sentido, transformam-se numa grande tragédia, onde a morte é vista como uma solução para acabar com o sofrimento de um amor que em alguns casos não é correspondido, em outros casos é um amor que se torna impossível de ser desfrutado por questões familiares, ou até mesmo por questões políticas e sociais.

Diante do encantamento, causado pela leitura das obras que compõe o *corpus* deste trabalho, buscamos demonstrar a representação do amor apaixonado de uma perspectiva cognitiva e não muito convencional e, assim, fugindo daquela visão canônica e romantizada que se tem do amor e consagrada na literatura ao do tempo. A literatura como forma de

expressão humana, nos possibilita entender as construções sociais que são estabelecidas independentes do tempo ou da época.

Nesta perspectiva, conduzimos esta pesquisa de cunho analítico/interpretativo e de natureza qualitativa (GIL, 2002; PAIVA, 2019), evidenciando a questão do amor apaixonado no romance que compõe o *corpus* deste trabalho, como elemento de degradação e destruições dos casais (Tristão e Isolda; Romeu e Julieta).

Para tanto, fundamentamos nossa pesquisa à luz das teorias sobre literatura e psicanálise Bellemin-Noël (1978)). Enquanto para a questão do mito e do mito do amor, Campbell (1990) e Rougemont (2003). E com relação às temáticas amor e paixão temos Damásio (1996), Faur (2013) e Lebrun (2009) entre outros.

Portanto, o foco de análise recai sobre o arco do tempo do mito do amor eterno do período medieval, principalmente, nos laços dos amores eternos de Tristão e Isolda, como também, de Romeu e Julieta. Com esta pesquisa, busca-se demonstrar a questão do amor de uma perspectiva mente e corpo, fugindo do romantismo convencional das histórias de amor, deste modo, ancorados nas teorias do mito, da psicanálise para entendermos como esse sentimento acontece e age com o intuito compreender os efeitos negativos desse sentimento na vida das pessoas.

2. O arco do tempo do amor: medievo

Ao falamos do amor, precisamos antes de tudo definir esta palavra tão ampla e largamente usada nos dias atuais, pois de acordo com o Minidicionário Escolar da Língua Portuguesa (2010) a palavra amor tem as seguintes significações: "1. Afeição profunda. 2. O objeto dessa afeição. 3. Conjuntos de fenômenos cerebrais e afetivos que constituem o instinto sexual. 4. Coisa ou pessoa bonita, preciosa. 5. Afeto a pessoa ou coisa. 6. Relação amorosa. 7. Entusiasmo, paixão [...]" (RIOS, 2010, p. 29). Por outro lado, o Dicionário de Psicanálise (CHEMAMA, 1995, p. 12), apresenta-nos outro campo semântico, o amor como um "sentimento de apego de uma pessoa por outra, com frequência profunda, até mesmo violenta, mas cuja análise demonstra que pode ser marcado pela ambivalência e, sobretudo, que não exclui o narcisismo."

Cotejando os conceitos apresentados no campo da lexicografia, percebemos uma linha argumentativa no campo semântico do léxico amor. Para Chemama (1995) o amor,

além de ser um sentimento benigno, que exprime afeto e carinho, pode exprimir também a violência, podendo esta existir de si para si próprio. Nessa mesma direção, Octavio Paz conceitua o amor da seguinte forma: “O amor é o reconhecimento, da pessoa amada, desse dom do vôo que distingue todas as criaturas humanas.” (PAZ, 1994, p. 87).

As histórias de amor que datam desde o século XII, ou mais precisamente, na Idade Média, são caracterizadas por casais imortais como: Tristão e Isolda, Abelardo e Heloísa, Romeu e Julieta. Neste sentido, o amor romântico surge em meados da época medieval (século XII) e, mais precisamente no Ocidente, a partir de trovas cantadas pelos trovadores da época que, de acordo com o mitólogo Campbell (1990), são considerados os primeiros a pensarem no amor tal qual o temos esboçado na atualidade:

Assim, pelos olhos, o amor atinge o coração:
 Pois os olhos são os espiões do coração.
 E vão investigando
 O que agradaria a este possuir.
 E quando entram em pleno acordo
 E, firmes, os três em um só se harmonizam,
 Nesse instante nasce o amor perfeito, nasce
 Daquilo que os olhos tornaram bem-vindo ao coração.
 O amor não pode nascer nem ter início senão
 Por esse movimento originado do pendor natural.
 Pela graça e o comando
 Dos três, e do prazer deles,
 Nasce o amor, cuja clara esperança
 Segue dando conforto aos seus amigos.
 Pois, como sabem todos os amantes
 Verdadeiros, o amor é bondade perfeita,
 Oriunda – ninguém duvida – do coração e dos olhos.
 Os olhos o fazem florescer; o coração o amadurece:
 Amor, fruto da semente pelos três plantadas. (BORNEILH *apud* CAMPBELL,
 1990, p. 195).

A trova medieval evidencia um amor que surge por vias naturais, ou seja, pelo instinto da troca de olhares, sendo os olhos a porta de entrada deste sentimento que guia os amantes ao labirinto do coração. Órgão, o qual bombeia todo o fluxo sanguíneo causando uma sensação química em nosso corpo até chegar ao hipotálamo e outras zonas do cérebro causando-nos: a paixão (DAMÁSIO, 2012)

Partindo dos estudos acerca do amor e dialogando com o pensamento da neurociência de António Damásio (2012) e do Mitólogo Joseph Campbell (1990), para este há dois tipos de amor sendo eles: a-) o amor Eros; b-) o amor Ágape. O primeiro está relacionado

à pulsão e aos desejos sexuais que consistem num impulso puramente biológico. Por outro lado, o segundo, relaciona-se ao amor espiritual. Podemos relacioná-lo ao que está descrito nas Escrituras Sagradas, imprimindo, assim, a ligação com o campo da religião, do divino.

Em contrapartida, para que haja um amor verdadeiro e, ao mesmo tempo, recíproco, deve haver a união entre o amor Eros e o amor Ágape, ou seja, deve existir o desejo, o interesse pelos prazeres, assim como o respeito, a lealdade, a troca de experiências prazerosas entre os amantes. Em relação ao amor propriamente dito “[...] temos um ideal puramente pessoal. Aquela espécie de arrebatamento que deriva do encontro dos olhares, [...] é uma experiência entre duas pessoas.” (CAMPBELL, 1990. p. 197). O mitólogo enuncia que o amor é vivenciado a partir da troca de olhares entre duas pessoas e que estas estão ligadas por mais puro sentimento. Em outras palavras, aquele sentimento cantado pelos trovadores medievais.

Por outro lado, seguindo a linha de pensamento de Damásio (2012), este afirma que é a partir da substância química oxitocina que os seres humanos produzem, tanto no cérebro (no núcleo do supraótico ou no hipotálamo) como corpo (nos ovários ou nos testículos), esse comportamento bioquímico. Tal comportamento, que se expressa em nosso corpo, faz com que os parceiros amorosos se atraiam, pois para o autor conecta-se “[...] à neurobiologia do sexo, a respeito da qual se sabe já bastante, os primórdios da neurobiologia do afeto e, munidos de ambos, lançar um pouco mais de luz sobre o complicado conjunto de estados e comportamento mentais a que chamamos de amor” (DAMÁSIO, 2012, p.122).

No entanto, nem sempre isso ocorreu, pois o amor nem sempre foi concebido como uma explosão de emoções e sentimentos. É sabido que antigamente as pessoas se uniam em matrimônio de forma arranjada, as pessoas não se conheciam e, deste modo, não existia amor prévio, eles não se apaixonavam na troca de olhares. O amor, hipoteticamente, talvez surgisse com a convivência, com a troca de experiências etc.

Na lenda Tristão e Isolda, a jovem Isolda é destinada ao Rei Marcos, da Cornualha. Salienta-se que os dois jamais se viram antes. Portanto, não havia como nutrirem sentimento algum um pelo outro e, com isso, a mãe da jovem prepara uma poção do amor (o filtro mágico) para que a filha se apaixonasse por seu esposo escolhido e não sofresse desilusões.

É interessante destacar, com ralação a esta lenda, a forma como o amor acontece entre as personagens. A lenda Celta representa o amor entre as personagens como um acidente, isso porque os dois tomaram por engano o *filtro do amor* – uma espécie de poção

mágica—, durante a viagem que levava Isolda para se casar com o rei Marcos da Cornualha, que por sua vez era tio de Tristão:

O sol estava ardente, ambos ficaram com sede e pediram de beber. A serva procurou o que lhes trazer e achou o frasco confiado a Brangien pela mãe de Isolda. "Achei o vinho!", disse-lhes ela. Mas não era vinho: era paixão, era cruel alegria e angústia sem fim, era a morte. A serva encheu uma taça e apresentou-a à sua senhora, a qual bebeu a longos sorvos, e ofereceu depois o resto a Tristão, que a esvaziou. Naquele momento, entrou Brangien e viu que ambos se olhavam em silêncio, alheios a tudo, em êxtase. (ABRANTES, 2011, p. 36)

O *filtro do amor* acaba por definir e mudar totalmente o fluxo do rumo da trama narrativa, pois essa poção deveria ter sido ingerida por Isolda e pelo rei Marcos seu futuro marido, para que os dois se apaixonassem perdidamente. No entanto, esse incidente cria um drama familiar, um triângulo amoroso composto por Tristão, Isolda e o rei Marcos.

Desse modo, o *filtro* está ligado ao *maravilhoso*¹, o que remonta a elemento da cultura pagã que possibilita ao homem a fuga da realidade, imergindo-o no mundo do fantástico, com a presença de seres míticos associados ao bestiário do imaginário medieval, tais como dragões, gigantes dentre outros, bem como a presença de substâncias mágicas, como é o caso do próprio *filtro*, capaz de desencadear o amor entre duas pessoas, como uma forma de encantamento. De acordo com o raciocínio desenvolvido por Barros (2001, p. 299-300), temos que o "filtro, veneno como também foi designado, além de se manifestar como um encantamento inelutável alienava completamente, [...] colocando o amor acima das noções de bem e de mal [...]".

Para o imaginário medieval, o *maravilhoso* parece não ter uma explicação lógica e plausível. Logo, a força do amor entre Tristão e Isolda parece seguir o mesmo caminho, pois, logo após terem ingerido a poção do amor, sentem, de forma imediata e inexplicável, o nascer do amor em seus corações,

O Tristão parecia um arbusto vivo, de espinhos agudos e flores odorantes, aprofundara as suas raízes no seu coração e pelos braços fortes se enlaçava ao belo corpo de Isolda, seu corpo, todo o seu pensamento e todo o seu desejo. [...] Ah, que pensei eu? Isolda é vossa esposa, e eu vosso vassalo. Isolda é vossa mulher, e eu, vosso filho. Isolda é vossa. Não pode ser minha!.

¹ O sobrenatural divino, apoiado em milagres, caracterizou o Maravilhoso cristão e se posicionou do lado do bem; o sobrenatural diabólico passou a ser visto como magia negra, com a conotação de bruxaria e assumiu o lado do mal. (BARROS, 2001, p. 291).

Isolda o amava, no entanto queria odiá-lo, porque fora desprezada por ele. Sim, queria odiá-lo e não conseguia, exasperada em seu coração contra esse afeto que doía mais que o ódio.

Angustiada, Brangien os observa. [...] Por dois dias ela os espiou e os viu rejeitar todo alimento e toda bebida [...] Eram desgraçados quando definhavam longe um do outro e mais desgraçados ainda quando, juntos, tremiam diante do horror da primeira confissão. (ABRANTES, 2011, p. 36-37).

Inicialmente, vemos que o casal tenta resistir a este amor, pois ainda não estavam completamente alienados por ele, esse fato ocorre possivelmente por terem a consciência de que ao cederem a esse amor estariam contrariando os preceitos religiosos, no caso, a Igreja Católica, as convenções sociais da época. Isolda está prometida a outro homem, sendo este homem também tio de Tristão – e, certamente, sabem que dentre as consequências de viverem esse amor poderia estar a morte. Todavia, não resistindo, eles cedem ao desejo de Eros,

No terceiro dia, Tristão veio para a tenda levantada no convés da nau, onde Isolda estava sentada [...].

– Mas o que sabeis hoje, Isolda? Que é que vos atormenta?

– Ah, atormenta-me tudo o que sei, tudo o que vejo! Este céu, este mar, meu corpo, minha vida! [...].

– Amiga – repetiu ele –, o que vos atormenta?

– Vosso amor – ela respondeu.

Então ele pousou os seus lábios sobre os dela

Como ambos, pela primeira vez, gozavam uma alegria de amor, Brangien, que os espiava, deu um grito e, com a face banhada de lágrimas, lançou-se aos pés deles.

– Desafortunados! Parai! Recuai, se ainda o puderdes! Mas não, o caminho não tem volta, a força do amor os arrebatava, e jamais tereis alegria sem dor. (ABRANTES, 2011, p. 37)

Agora, parece-nos pertinente questionar o porquê do casal, mesmo tendo consciência das consequências desse ato, se entregarem ao desejo? A esse respeito Bellemin-Noël (1979), argui que,

Tal é o poder das pulsões de prazer em nós, que é impossível considerar sua total domesticação, e não mais que a vontade, nossa inteligência não é soberana, já que uma boa parte das atividades mentais escapa ao olhar da consciência. Destituídos de nosso lugar supereminente no cosmos e na biosfera, nós também o somos no quadro desta psique que constituía há pouco nossa glória e nossa consolação: alguma coisa pensa em nós e dirige nossos atos com nossas idéias, sem que saibamos mesmo que fenômenos ocorrem. (BELLEMIN-NOËL, 1979, p. 11)

Partindo dessa linha de raciocínio, de certo modo, esta pulsão está alinhada com o que a neurociência afirma a respeito da paixão, pois conforme Pinto (2017, p. 43) “o amor não é simples emoção, e sim um sistema motivacional integrado, que tem por objetivo a construção e a manutenção de uma relação íntima com determinado parceiro. Uma definição científica [...] dirá que o amor é uma propriedade resultante de uma mistura antiga de neuropeptídios e neurotransmissores”.

Portanto, nossa sobrevivência depende da produção e da manutenção de uma série de substâncias, que são controladas pelo nosso cérebro e quando estamos apaixonados há produção escassa ou em excesso de certas substâncias, como por exemplo: oxitocina, serotonina, dopamina dentre outras. Tais substâncias modificam nosso comportamento e tornam inativas partes do nosso cérebro, como por exemplo, o córtex pré-frontal – responsável por prever as consequências positivas e/ou negativas de nossos atos. Seria esse bloqueio semelhante ao efeito provocado pelo filtro do amor? Poderíamos admitir que sim, uma vez que “a misteriosa bebida desencadeava neles a mais profunda das paixões e arrastava-os para um êxtase que nada conseguia dissipar – nem sequer o fato de ambos estarem traindo infamemente o bondoso rei Mark,” (DAMÁSIO, 2012, p. 121).

Para tanto, explicar o fato de que mesmo após o casamento do rei Marcos e Isolda, ela e Tristão continuavam perdidamente apaixonados e o fato de estarem separados por laços matrimoniais e sanguíneos, os impõe um duro sofrimento que nem mesmo o afeto do Rei e da corte com eles, ou o luxo de que gozavam em função de suas posições de destaque junto ao Rei pareciam aplacar esse sofrimento. Nos dizeres de Faur (2013):

Nesse estado de alienação e loucura, não é difícil imaginar a tragédia ou, ao menos, o erro. Se não conseguimos pensar e ao mesmo tempo estamos possuídos por uma força arrasadora que cega e provoca obsessão, o que não seríamos capazes de fazer para estar com o amado? Pode haver algum limite que impeça essa busca desenfreada? (FAUR, 2013, p. 41),.

Diante de toda a paixão que o casal sentia, logo ela se tornou alvo da inveja dos barões da corte do Rei Marcos que odiavam Tristão por causa de sua bravura e, por isso, fizeram questão de “envenenar” o Rei Marcos contra o casal, insinuando a traição. Inicialmente, o Rei Marcos ficara enfurecido com os barões por causa da acusação, pois ele acreditava, cegamente, na lealdade do sobrinho e da esposa. Contudo, ele é tomado pelo sentimento da desconfiança e pede para que Tristão vá embora da Cornualha.

Deste modo, constata-se que, na lenda de Tristão e Isolda, os dois sabiam que seriam castigados por tal pecado que cometiam, sabiam que com a poção bebiam o amor, mas também degustavam a morte, uma vez que não poderiam viver como casal, em toda a trama seus destinos seguem por caminhos diferentes, os quais o amor sempre volta a uni-los.

Para Campbell (1990) enaltece a ideia do amor advindo dos trovadores, o amor que surge através dos olhares mútuos, o amor como sendo o real sentido da vida,

O amor esta aí, bem diante de mim. O Amor é o caminho que se abre à minha frente, os olhos... Aquela ideia do encontro dos olhares. "Assim, pelos olhos, o amor atinge o coração: / Pois os olhos são os espiões do coração." O que é que os trovadores aprenderam sobre a psique? Ouvimos falar da psique – Eros amou Psique – e fomos alertados para a necessidade de compreender nossa psique. O que é que os trovadores descobriram sobre a psique humana? O que eles descobriram foi um determinado aspecto particular da psique, de que não é possível falar em termos puramente gerais. A experiência individual, o empenho do indivíduo na experiência, a crença do indivíduo na experiência, a vida individual [...] Os trovadores celebraram a agonia do amor, a enfermidade que os médicos não podem curar, as feridas que só podem ser cicatrizadas pela arma que as provocou. A ferida é a ferida da minha paixão e a agonia do meu amor por esta criatura. A única criatura capaz de cicatrizá-la é aquela que provocou o ferimento. (CAMPBELL, 1990, p. 205)

Dentre as várias teorias do amor, encontra-se em Paz (1914) o amor cortês, este corresponde a um amor verdadeiro, um amor romântico, maior que qualquer outro, não existindo interesse pela mera procriação, "[...] Um amor que não tinha por fim nem o mero prazer carnal nem a reprodução." (PAZ, 1994. p. 70). Era, pois um amor puro chamado *fin'amors*.

Voltando à questão inicial, como surge o amor? Como ele pode surgir nas pessoas? Vimos vários conceitos e teorias sobre o termo, mas de onde ele veio? como apareceu? Para enfim respondê-las ancoramo-nos nos dizeres das palavras de Paz (1994) que afirma em seus estudos sobre a Pré-História do amor que "o amor nasce de uma atração involuntária que nosso livre-arbítrio transforma numa ação voluntária." (PAZ, 1994, p. 68).

Seguindo essa linha de pensamento, surgiu a necessidade de abranger, também, o conceito de paixão e de como esta se relaciona com o amor propriamente dito. Para conceituá-la, utilizamos das informações apresentadas pelo Minidicionário Escolar da Língua Portuguesa (RIOS, 2010, p. 381): "**Pai.xão** s. f. 1. Sentimento forte e profundo. 2. Afeto violento; amor ardente. 3. Grande afeição; gosto exagerado. 4. Entusiasmo, calor. 5. O objeto de amor ardente, de grande afeição. 6. Vício que domina. 7. Prevenção, parcialidade. 8. FILOS

Impressão recebida de um agente. 9. Sofrimento prolongado, martírio que sofreu Cristo e alguns santos”.

Podemos perceber que a paixão, de certo modo, se diferencia do conceito de amor, mas está totalmente relacionada a ela, pois da paixão podem surgir outros sentimentos, como o próprio amor e o seu oposto o ódio, ambos são frutos de uma paixão.

Um dos maiores desejos do ser humano é relacionar-se, porque somos realmente seres sociais. Para o filósofo moderno René Descartes (2012), ele relacionava as paixões da alma aos movimentos fisiológicos entre o corpo e alma,. Na construção da teoria das paixões da alma, o filósofo baseia-se numa interessante fisiologia do século XVII, na qual a interação entre corpo e alma se fazia através de fluídos chamados espíritos animais. No tocando ao sentimento do amor, o autor ao descrever *As paixões da alma* (2012), art. 102, a representação do objeto amor, dos espíritos animais e dos órgãos internos, ele argumenta que:

Estas observações e tantas outras que seria demasiado longo descrever, me fizeram crer que, na medida em que o entendimento se representa algum objeto de amor, a impressão que este pensamento causa no cérebro conduz os espíritos animais, pelos nervos do sexto par, em direção aos músculos circundam os intestinos e o estômago, de forma a fazer com que o suco das carnes, que se converteu em sangue novo, passe rapidamente em direção ao coração sem se deter no fígado. Sendo conduzido ao coração com mais força do que aquele sangue que está em outras partes do corpo, ele aí penetra em maior abundância e excita um maior calor, visto que ele é mais espesso do que aquele que já foi rarefeito várias vezes ao passar e tornar a passar pelo coração. Tal faz com que ele envie os espíritos ao cérebro, [espíritos] cujas partes são mais espessas e mais agitadas do que o normal, e estes espíritos, fortalecendo a impressão feita pelo primeiro pensamento sobre o objeto amado, obrigam a alma a deter-se neste pensamento, e é nisto que consiste a paixão do amor. (DESCARTES, 2012, art. 102, p. 88)

Desta maneira, o amor é um afeto e, por isso, algo próximo a uma doença da alma. Ele, muitas vezes, é uma forma de traição e destruição, pois pode trazer, ao mesmo tempo, a solidão e o arrependimento, transformando-se em muitas coisas, até mesmo o oposto do amor.

Desse modo, Descartes (2012) apresenta um caminho específico dos espíritos ao amor, pois a impressão é que a imagem do amado, refletida na mente, encoraja os espíritos animais a percorrer todo o corpo, fazendo com que o fluxo sanguíneo seja distribuído por abundância, assim, forçando a alma a imaginar a pessoa amada em seus pensamentos.

Na lenda de Tristão e Isolda, o amor impossível entre os amantes atravessa a história do ocidente a partir do sec. XII, na qual torna amor-paixão sublime através da sua busca para vivenciar um amor condenado à fatalidade, no qual amor e morte, unem-se para entender a finalidade da paixão, em que a história é caracterizada pela combinação entre amor e morte. Nesse sentido, Rougemont (2003) explica que:

Amor e morte, amor mortal: se isso não é toda a poesia, é, ao menos, tudo o que há de popular, tudo o que há de universalmente emotivo em nossas literaturas; em nossas antigas lendas e em nossas belas canções. O amor feliz não tem história. Só existem romances do amor imortal, ou seja, do amor ameaçado e condenado pela própria vida. O que o lirismo ocidental exalta não é o prazer dos sentidos nem a paz fecunda do par amoroso. É menos o amor realizado que a paixão de amor. E paixão significa sofrimento. Eis o fato fundamental. (ROUGEMONT, 2003, p. 24).

Para o autor, a lenda traz um conteúdo temático que combina amor e morte, sendo assim, as personagens Tristão e Isolda seria um modelo da vivência do amor romântico que embala nosso anseio da alma. Dessa forma, acreditamos que o amor-paixão experimentado pelos enamorados é um amor transgressor, pois a busca pela realização leva-os a dor de amar. Rougemont (2003) explica-nos que:

Na "paixão", já não sentimos "o que sofre", mas "o que é apaixonante". E, no entanto, a paixão de amor significa, de fato, uma infelicidade. A sociedade em que vivemos, e cujos costumes nesse aspecto quase não mudaram ao longo dos séculos, compele o amor-paixão, em nove entre dez casos, a assumir a forma do adultério. Sei que os amantes lembrarão todos os casos de exceção, mas a estatística é cruel: ela nega nossa poesia. (ROUGEMOUNT, 2003, p.24).

Nesse contexto, Lebrun (2009), apresenta o conceito da paixão como sendo um termo semelhante a uma tendência, isto é, uma tendência capaz de comandar a mentalidade do ser humano, assim sendo, o mito de Tristão e Isolda flui pelo apelo ao amor-paixão: sublime, sagrado e transgressor: acaba por influenciar muitas outras histórias de amor conhecidas, tais como exemplo, *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, cuja representação é a do amante disposto a morrer por amor.

Na época romântica, *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de Goethe descreve uma avassaladora paixão pela amada, Carlota, caracterizada e vivenciada em cartas destinadas ao amigo Guilherme. As cartas retratam a dor de não possuir sua amada completamente, culminando com o ato máximo de desespero e dor: o suicídio.

Dessa forma, a paixão teria a capacidade de dominar o sujeito como uma forma de instintos selvagem, uma vez que ela desperta o desejo por outrem e isto tende a nos controlar de modo improvisado: “[...] A paixão é sempre provocada pela presença ou imagem de algo que me leva a reagir, geralmente de improviso. Ela é então o sinal de que eu vivo na dependência permanente do Outro.” (LEBRUN, 2009. p. 12).

Esse sentimento que faz com que o indivíduo aja de maneira impulsiva/instintiva é o mesmo sentimento que encontramos em Romeu e Julieta, de William Shakespeare. Mesmo tomados por um amor proibido, os jovens sempre encontravam uma forma de se encontrarem, pois o desejo era mais forte e eles não conseguiam lutar contra este sentimento, conforme ilustrado no seguinte diálogo:

JULIETA – Somente teu nome é meu inimigo. Tu és tu mesmo, sejas ou não Montecchio. Que é um Montecchio? Não é mão, nem pé, nem braço, nem rosto, nem outra parte qualquer pertencente a um homem. Oh! Sê outro nome! Que há em outro nome? O que chamamos de rosa, se tivesse outro nome, exalaria o mesmo perfume tão agradável; e assim, Romeu, se não se chamasse Romeu, preservaria essa cara perfeição que possui sem o título. Romeu, despoja-te de teu nome e, em troca de teu nome, que não faz parte de ti, toma-me toda inteira!

ROMEU - Toma-te a palavra. Chama-me apenas “amor” e serei de novo batizado. Daqui para diante, jamais serei Romeu.

JULIETA – Que homem és tu, assim oculto pela noite, que surpreendes de tal modo meus segredos?

ROMEU – como um nome, não sei como falar-te quem sou eu! Meu nome, santa adorada, é odioso para mim mesmo porque é teu inimigo e, se o tivesse escrito, teria despedaçado a palavra.

JULIETA – Meus ouvidos não beberam cem palavras ainda dessa língua, mas eu reconheço o som; não és Romeu? Não és meu Montecchio?

ROMEU – Nem um nem outro, formosa donzela, se os dois te desagradam.

JULIETA – Como chegaste até aqui, dize-me e por quê? Os muros do jardim são altos e difíceis de galgar e o lugar é a morte, considerando-se quem sejas, se de meus parentes aqui te encontrar.

ROMEU – Com as leves asas do amor, transpus estes muros porque os limites de pedra não servem de empecilho para o amor. E o que o amor pode fazer, o amor ousa tentar. Assim, teus parentes não me são obstáculos. (SHAKEPEARE, 2002, ATO II, Cena 2, p. 54)

Percebemos, então, que o desejo vivenciado pela paixão que os amantes nutriam um pelo outro era forte e, mesmo assim, não temiam o perigo, agiam por impulso, pois o sentimento não permitia que sentissem medo de serem descobertos. A última cena do drama shakespeariano de Romeu e Julieta (2002) mostra a união dos sentimentos de alegria e de sofrimento, estes são reunidos no amor, desencadeando a tragédia final:

PRÍNCIPE – Uma lúgubre paz acompanha esta alvorada. O sol não exhibirá seu rosto por causa de nosso luto. Saíamos daqui para falarmos mais demoradamente sobre estes tristes acontecimentos. Uns serão perdoados e outros punidos, pois nunca houve história mais triste do que esta de Julieta e Romeu. (SHAKEPEARE, 2002, ATO V, Cena 3, p. 111)

O sentimento amor-paixão que envolve os jovens amantes é tão intenso que eles não conseguem medir as possíveis consequências dos atos. Tal sentimento os conduz à fatalidade, cada encontro resultava em alguma consequência, que envolvia, por um lado, o prazer, a alegria e a satisfação, mas por outro, o sofrimento, a dor e a morte. Sobre tal movimento Campbell (1990) afirma:

A dor do amor não é outra espécie de dor, é a dor da vida. Onde está a sua dor, está a sua vida [...] O amor é o ponto de combustão da vida; como a vida é dolorosa, assim é o amor. Quanto maior o amor, maior o sofrimento. Mas o amor resiste a tudo. O amor em si é a dor, você poderia dizer, a dor de estar verdadeiramente vivo. (CAMPBELL, 1990, p. 214-215)

Portanto, Romeu e Julieta, Tristão e Isolda, Abelardo e Heloísa, Paris e Helena, Orfeu e Eurídice, dentre outros casais imortais que compunham o mito do amor romântico através do tempo, são descritos por filósofos, poetas, escritores, não são apenas invenções da arte literária (DAMÁSIO, 2012; PINTO, 2017; FISHER, 2015), pois a febre que percorre o corpo daqueles que amam não é uma ilusão literária, mas um efeito do amor no sistema nervoso.

Considerações finais

Nesta investigação, realizamos uma pesquisa de cunho analítica/interpretativa do amor apaixonado como um elemento de destruição, seja de valores sociais cristalizados, seja da vida do casais Tristão e Isolda e Romeu e Julieta dentre outros. Nossa abordagem parte de uma reflexão mitopsicológica a respeito do amor apaixonado entre Tristão e Isolda e Romeu e Julieta, ou seja, buscou compreender o que e quais efeitos desse amor, tanto na perspectiva do mito quanto pela ótica psicanalítica.

A relevância e a pertinência desta pesquisa estão presentes em sua temática, pois o mito do amor que sobrevive ao longo dos tempos, como podemos constatar nas histórias de amor que compõem o *corpus* deste trabalho. O mito do amor não é tão somente um sentimento entre duas pessoas, ele promove uma série de rupturas sociais, além de ser um agente de destruição/degradação da vida do casal. Sendo assim, é possível evidenciar que esse amor, simultaneamente, possui um caráter transgressor e nocivo e que estão relacionados ao cérebro.

Podemos constatar ao longo das narrativas, que o amor entre Tristão e Isolda, como também, em Romeu e Julieta assumem funções sociais de romper com as algemas de uma sociedade ultrapassada, isto é, partindo do cenário social em que as ações acontecem: uma sociedade patriarcalista com valores e crenças falidas e, ainda, orientada por preceitos religiosos tendenciosos, ou seja, preceitos esses que são voltados para os interesses da elite.

Nesse contexto, o amor entre eles assume o *status* de proibido em função de questões sociais, religiosas e familiares. Dessa forma, a realização desse amor subverte os valores sociais dessa sociedade, pois traz à tona questões tabus como adultério (que é considerado um crime mortal), traição e pecado (característica atribuída ao amor de Tristão e Isolda).

Dessas questões, a do adultério parece ser a mais transgressora, pois possibilita uma espécie de empoderamento feminino, materializado em Isolda, a qual permite que essa personagem tome posse do seu corpo e, conseqüentemente, de sua vida e resistam por meio do mito do amor, as imposições de uma sociedade patriarcalista, como é o caso do casamento arranjado.

Ainda nessa linha de raciocínio, o adultério pode ser visto como uma forma de ridicularizar a instituição casamento, visto que mesmo quando o adultério cometido por Tristão e Isolda contra o Rei Marcos se torna conhecido perante a sociedade à pena de morte nunca foi consumada, ora porque Tristão e Isolda conseguem fugir, ora porque o Rei Marcos os perdoou.

Por outro lado, um aspecto marcante do amor está relacionado à sua intensidade, que faz com eles arisquem constantemente suas vidas para viver esse amor. Esse sentimento parece habitar no terreno da loucura, já que os casais não conseguem mensurar as conseqüências dos atos. Encontra-se em um estado de completa alienação e dependência, pois a suas existências, de alguma forma, estão conectadas e a impossibilidade de poderem viver esse amor os leva à morte.

Portanto, vislumbramos apresentar o amor despido de sua romantização habitual tão comum na literatura, mas como um sentimento transgressor e destruidor capaz de mudar cenários e vidas tanto positivamente quanto negativamente, entretanto sem perder sua beleza estética na forma de amar.

Referências

ABRANTES, Fernandel. **Tristão e Isolda**: lenda medieval celta de amor. 4. ed. São Paulo: Martin Claret, 2011.

BARROS, Maria Nazareth Alvin de. Tristão e Isolda: o adultério sem redenção. *In*:. **As deusas, as bruxas e a igreja**: séculos de perseguição. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2001, p. 291-312.

BELLEMIN-NOËL, Jean. (1979). **Psicanálise e Literatura**. São Paulo: Cultrix, 1979.

CAMPBELL, Joseph. Histórias de amor e matrimônio. *In*:. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990, p. 195-216.

CHEMAMA, Roland. (1995). **Dicionário de psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

DAMÁSIO, António. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DESCARTES, René. **As Paixões da Alma**. São Paulo: Lafonte, 2012.

FISHER, Hellen. **Por que amamos**: a natureza e a química do amor romântico. Rio de Janeiro: Record, 2015.

FAUR, Patrícia. **Amores que matam**: quando um relacionamento inadequado pode ser tão perigoso quanto usar uma droga. Porto Alegre: L&PM, 2013.

Gil, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo :Atlas, 2002.

LEBRUN, G.. *O conceito de paixão*. *In*: NOVAES, A. et al (Org.) (2009). **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 12-32.

MORAES, Vinícius de. **Todo Amor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

PAIVA, Vera Lúcia Medeiros de Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

PAZ, Octávio. (1994). **A dupla chama**. São Paulo: Siciliano, 1994.

PINTO, Fernando G. (2017). **Neurociência do Amor**. São Paulo: Planeta, 2017.

RIOS, Dermival Ribeiro. **Minidicionário escolar da língua portuguesa**. São Paulo: DCL, 2010.

ROUGEMONT, Denis. **A história do amor no ocidente**. 2. ed. São Paulo: Ediouro, 2003.

SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

ⁱ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgPsi/UFRN). Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Especialista em Língua Portuguesa (UEPB) e Língua Moderna (IFPB) e Graduado em Letras (UEPB).

Agência de fomento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

E-mail: rafaelbrazprof@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6155-6182>

Recebido em 31/10/2022

Avaliado em 15/12/2022



Esta obra está licenciada sob uma licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)